



Artista Loide Schwambach

A artista natural de Passo Fundo reside desde 1961 em Montenegro, onde desenvolveu suas atividades profissionais como artista e educadora na FUNDARTE e no ensino público fundamental e médio. Sua produção é reconhecida nacionalmente por meio de premiações e exposições em Instituições respeitadas pelo sistema das artes, como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo de Pelotas – MALG, o Museu de Arte Contemporânea do Paraná, a Fundação Cultural de Curitiba, o Salão Paranaense, o Salão de Artes Plásticas de Goiânia, entre outros. Vários críticos e historiadores da arte dedicaram reflexões sobre sua produção, dentre eles a professora e pesquisadora do Instituto de Artes da UFRGS Dr^a Iclea Cattani (1995).



Fig.1 Atelier de Loide Schwambach e instalações com suas alunas

Atualmente, Loide atua como professora do Atelier Livre de Arte da FUNDARTE, assim como empresta seu nome à Galeria da instituição, que reconhece o seu empenho em divulgar, atualizar e consolidar as manifestações artísticas contemporâneas na cidade de Montenegro. A produção dessa artista transita por diversas linguagens da arte, revelando uma cartografia singular sobre uma única temática: **a condição humana**. O corpo e suas metamorfoses são fortemente evidenciados em performances, instalações e obras em desenho, gravuras e pinturas figurativas.

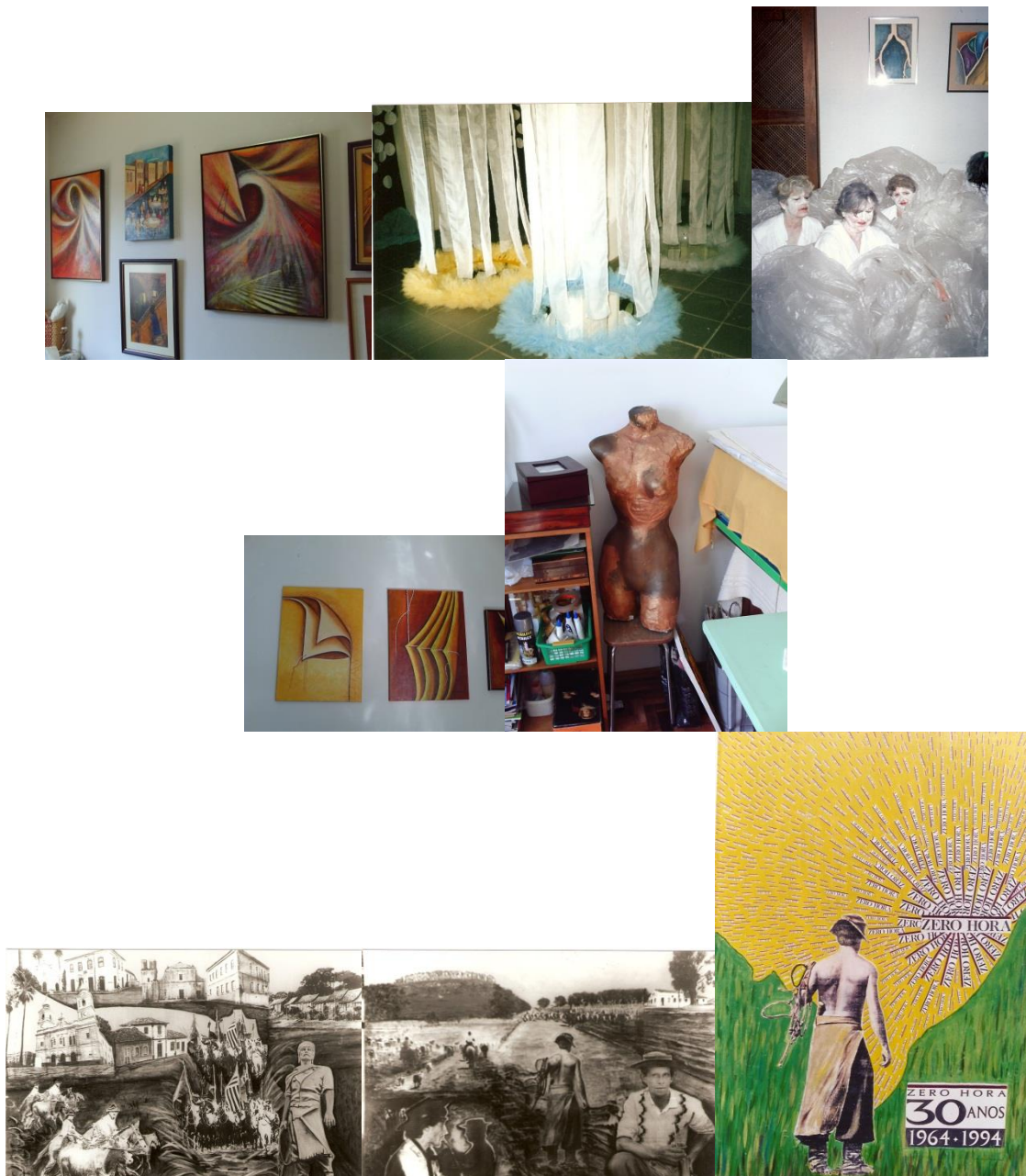
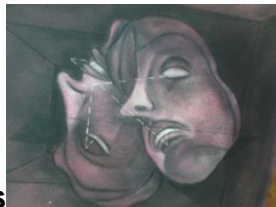


Fig 2. Obras de Loide, instalações com as alunos e obras encomendadas por Zero Hora

Loide iniciou os estudos no Atelier Estúdio de Artes Visuais em Porto Alegre, juntamente com o Artista Plínio César Bernhart, no início dos anos 80. Bernhardt dizia que os manequins utilizados como modelo no Atelier foram surgindo de maneira obsessiva nos desenhos de Loide. De simples modelos eles se transformavam em agentes do processo evolutivo. A obliquidade de figuras interligadas proporcionavam um estranho ballet, cujo mistério se aguça no contraponto da geometria sombria dos fundos. **Gente ou manequim?** A dúvida não importa, permanecem os símbolos cheios de significação.



Máscaras, **Manequim**, **Corpo** Três fases que estão intimamente ligadas, tanto pelo desenvolvimento temático como pela linguagem. Ver Máscara, Ver Manequim, Ver corpo, é Ver profundamente. É escutar a linguagem, ler a expressão, é entrar mais profundamente em sua própria intimidade. Para Loide foi essa maneira de olhar que proporcionou um começo para o trabalho que desejava realizar.

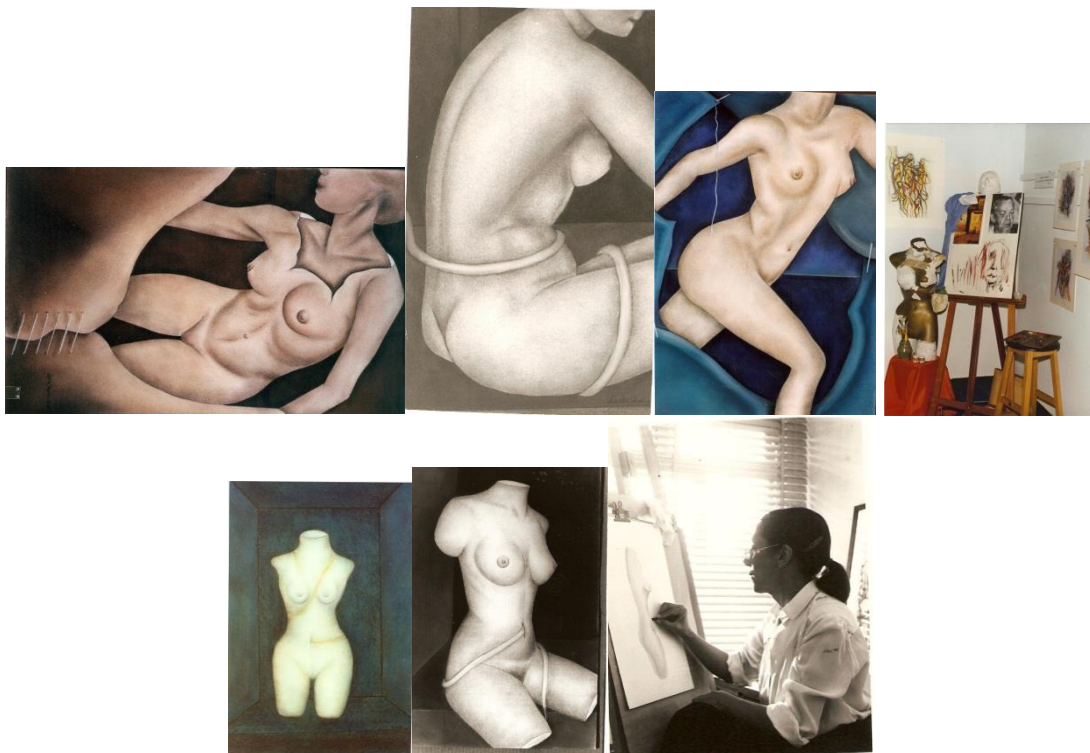


Fig. 3 Obras realizada tendo o corpo como tema central

A artista Loide nos diz que tanto a Máscara como o Manequim e o Corpo parecem causar um mal-estar em muitas pessoas, não as deixam à vontade diante deles. Cattani (1995) “sublinha esta fala de Loide dizendo que a arte, enquanto campo aberto de múltiplos significados, enquanto espaço de projeção do imaginário, permite um controle das emoções”. A visão de um corpo submetido à violência na arte, nos permite investir, sem grandes riscos, nossos desejos e nossos medos.

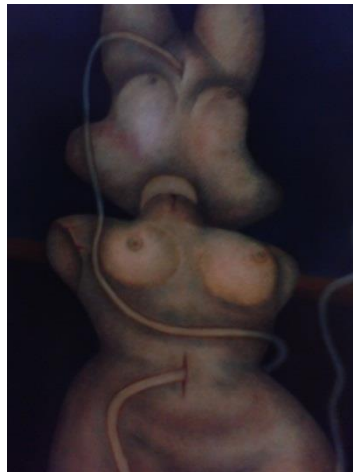


Fig 4. Série Xifópagas

A série Xifópagas mostra a maneira pela qual a artista revela o corpo, como um duplo. Os corpos feminino/masculino, em desenho em pastel, são duplicados e colocados lado a lado, unidos por cordões e pelas peles. São corpos sem face, braços e pernas, acéfalos, com orifícios, pelos quais saem: ou cordas, ou tripas, ou cordão umbilical. Segundo a artista, “o corpo criado no desenho lembra o monstro biológico (o título xifópagas acentua a relação)”. Mas lembra, também, a simetria do próprio corpo humano. E lembra o duplo de todos nós: toda a percepção fragmentária de nosso próprio corpo, do corpo do outro; e o pressentimento que nos habita, de coisas em nós que desconhecemos, um lado obscuro de nós. Um manequim unitário, metades que se fundem para formar um novo corpo, figuras que se desdobram numa temática constante, **um quase sujeito? Ou sujeito?**

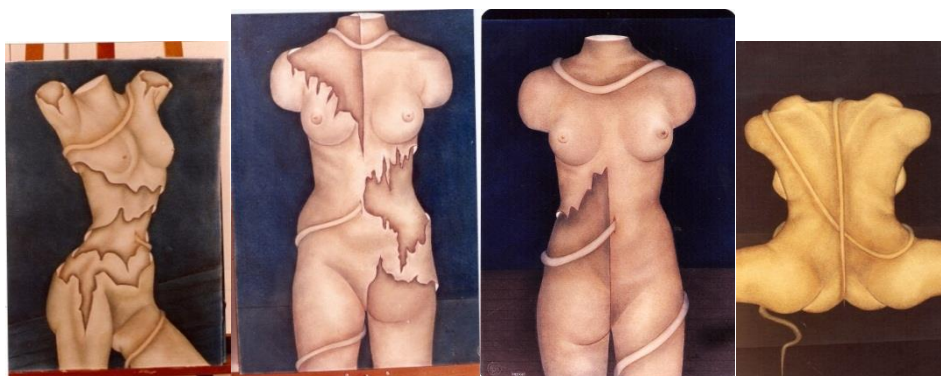


Fig. 5 Série Corpos e Xifópagas

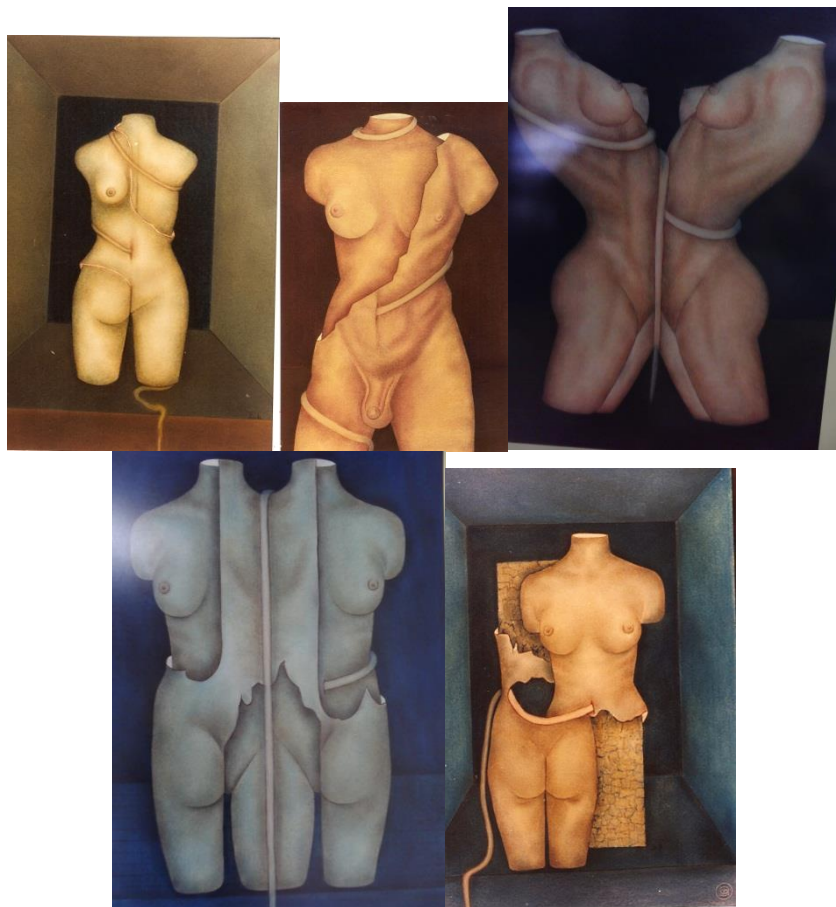


Fig. 5 Série Corpos e Xifópagas

Conforme Nelson de Freitas (2004), Loide apresenta mulheres sofridas, atadas, sem cabeça, que exibem seios, sexo e bumbuns. Mulheres imóveis, em posições diversas, que mais parecem manequins. Sem voz e sem vez de atuar na sociedade. Às vezes as mulheres criam coragem e começam a luta da libertação, querendo fugir ao domínio do sexo. Mas há um cordão, talvez o umbilical, que permanece e as incomoda. Seu desenho é cheio de harmonia, de vida e de idéias. Os seus nus mutilados, envoltos em fio, são mensagens atuais sobre a mulher. Que bela desenhista!

Diz Loide que olhar para este Corpo mutilado é, até certo ponto, olhar para dentro de si mesmo, e não apenas para fora de si, para o quadro, correndo o risco de descobrir a verdade que se detestaria ver. Esse relacionamento consigo mesmo exige aquela confiança nos valores máximos, que permitem ousar arriscar-se à possibilidade de desligar-se das crenças e valores segundo os quais sempre viveu. Corpo-objeto, Corpo-manequim, meu corpo, não importa, permanecem aí os símbolos cheios e significação.

Em 2008, a professora Dr^a Eduarda Duda Gonçalves, quando coordenadora da Galeria Loide Schwambach, realizou entrevistas com a artista Loide onde ela discorre sobre suas propostas plurisensoriais: **instalações e performance**. A artista relata que pretende que o clima participativo de suas instalações substitua a atmosfera de contemplação das obras. A instalação, como o cinema, permite que

outras faculdades se envolvam, permitindo que as pessoas tenham um tipo de experiência, que geralmente não têm porque não conseguem perceber.

Muitas foram as instalações e performances organizadas por Loide, sendo que na maioria das vezes contou com a participação de suas alunas do Ateliê da FUNDARTE, tanto na elaboração como na performance. Podemos citar algumas como:



“Costurando Fragmentos”



“Incoerência”



“Simplesmente Sentir”



e **“Espelho...retrato da alma”** são alguns títulos dos trabalhos dialógicos de Loide com seu público.



“O Ocre é irreversível”

que, segundo a artista, é a cor do envelhecimento da pele humana e a pele das coisas, assim como a palavra espelho é *especulum*, na acepção original que atribui sentido ao termo especulação. Para Loide, o espelho e a pele não nos falam da superfície, eles especulam a linguagem dos corpos e objetos transformados pelo passar do tempo. O espelho denota extenso simbolismo e é metáfora de qualquer mirada que retorna, assim acreditam os chineses e nos escrevem pensadores como Jaime Vaz Brasil, Jacques Lacan, Otávio Paz, Jorge Luis Borges e outros, que são referenciais para a construção da artista.

Olhar-se no espelho é refletir o dentro, o passado, o presente e o que vai vir, que nos marca fendas na pele ocre. Mergulhar na proposição de Loide é vislumbrar o movimento incessante do processo de criação, que parte de uma vivência subjetiva e que retorna como experiência poética, e que, embora zarpe de um indivíduo, é também de todos nós.

Num dos trabalhos de performance envolvendo os Alunos do Atelier da FUNDARTE, Loide homenageia Portinari através de uma releitura viva de sua



obra **“Os Retirantes”**.



Isto aconteceu durante uma festa da Associação Amigos da FUNDARTE, em 1995. Quando as pessoas chegaram na reunião, os elementos visuais do quadro se movimentaram ao som de Chico Buarque. Loide diz ter a necessidade de que as pessoas se engajem na obra, participem.

A instalação **“Costurando a primavera”** realizada na Pinacoteca Pública Municipal de Montenegro Ênio Pinalli, ocorreu em 2001. Loide colocou plástico no chão e, embaixo dele colocou pequenas flores de tecido recortadas. A pinacoteca transformou-se em um jardim de retalhos e pedaços grandes de tecidos estampados. Alguns retalhos foram colocados no chão para que as pessoas emendassem um ao outro, costurando. Sobre uma almofada tinha tesoura, agulha e linha para serem utilizados na costura. Seis círculos de cor laranja representado o sol foram colocados no teto e deles caíam fios coloridos. A entrada da pinacoteca foi toda pintada.

Enquanto os alunos aguardavam em outra sala e na calçada do prédio, porque poucas pessoas podiam entrar na instalação, eles realizavam pinturas, registravam seus nomes, colavam retalhos de panos colocados na parede lateral do corredor de entrada. Pedaços de tecidos floridos podiam ser recortados para formar um grande painel. Para entrar na sala tinham que tirar o sapato.



Fig.6 instalação “Costurando a primavera”

A artista Loide procura envolver os alunos em suas produções.



Fig 7. Exposição no Banco do Brasil em Montenegro

O trabalho de performance no Banco do Brasil trouxe as cores das telas para o corpo das alunas....corpos e telas se entrelaçam. Este trabalho foi realizado a partir dos estudos das cores. As alunas foram caminhando da FUNDARTE ao Banco do Brasil e Loide fazendo um “esparramo”. Quando chegaram lá mudavam suas posições perfazendo as relações cromáticas.



Fig.8 Instalação no saguão do Teatro Roberto Atayde Cardona

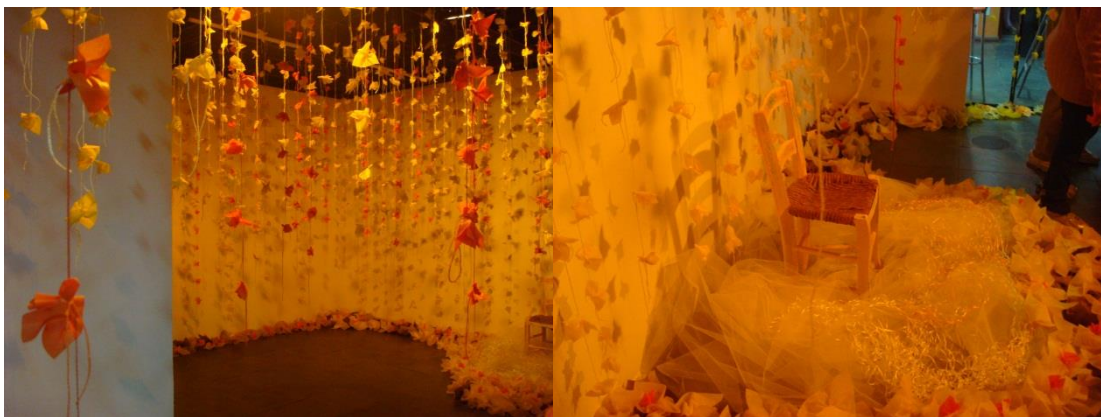
Outra manifestação coletiva aconteceu no saguão do Teatro Roberto Atayde Cardona. Loide e suas alunas fizeram uma escultura em plástico de uma árvore. Dentro estavam as alunas. De repente o plástico se rompeu e as alunas apareceram. Tudo muito emocionante e surpreendente.

Em 2009 a Exposição “O amarelo da primavera para...Van Gogh” de 28 de setembro a 02 de outubro de 2009.

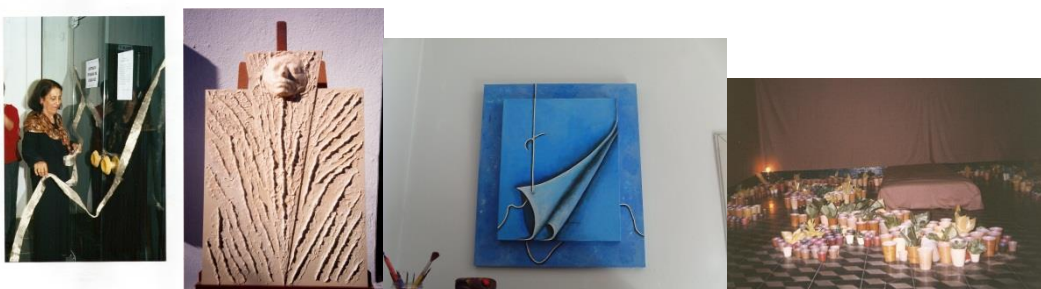
A PREPARAÇÃO



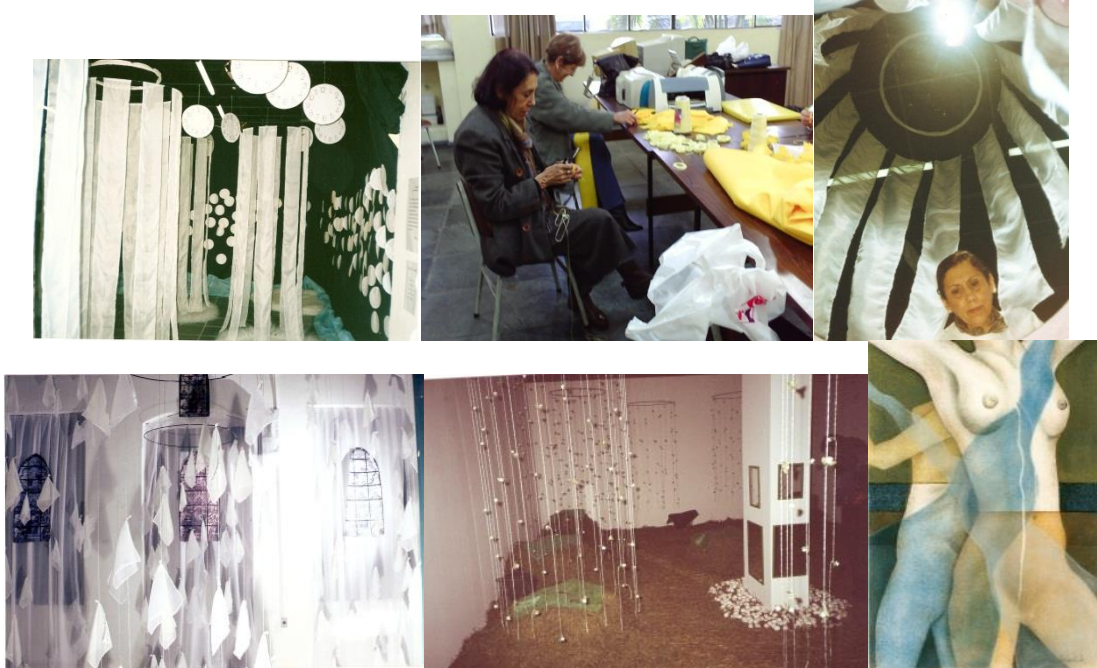
A EXPOSIÇÃO



Loide é uma pessoa repleta de afetividade, de inquietações e de sabedoria.



“Tento fazer de minha obra o campo onde cultivo o que vou colhendo do mundo, para tecer relações entre o que é raro e o que é comum” (Loide Schwambach, 2009)



Por Júlia Maria Hummes
Diretora Executiva da FUNDARTE
Maio de 2013

Referências

CATTANI, Icleia Borsa. *Espaços do corpo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

SCHWAMBACH, Loide. Máscara, Manequim, *Corpo*: reflexões sobre meu trabalho. Porto Alegre, Boletim Informativo do MARGS, nº 28, 1986.

GONÇALVES, Eduarda DUDA. Release da EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DO ACERVO DA GALERIA: DA SÉRIE XIFÓPAGAS DA ARTISTA LOIDE SCHWAMBACH.(s/d)

ROSA DA SILVA, Úrsula. *Nelson Abott de Freitas e a crítica das artes visuais*. Pelotas: Ed. Universitária/UFpel, 2004.